

Conclusão: Os resultados deste estudo mostram que o *Plasmodium falciparum* na Amazônia brasileira apresenta um fluxo gênico restrito.

Fonte Financiadora: Instituto Evandro Chagas/FNS, CNPq (300543/98 - 0), Convênio CNPq/British Council (Bras/881/161), FUNTEC/Pará e OPAS.

50 – TL

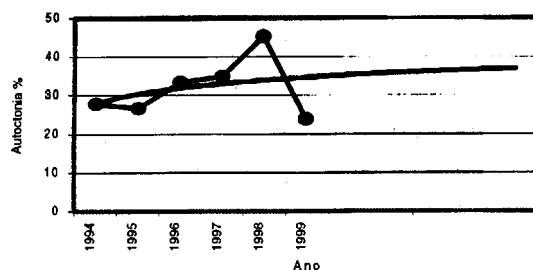
MALÁRIA AUTÓCTONE NA GRANDE BELÉM: PANORAMA ATUAL E PREVALÊNCIA NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS. Rosana M..F. Libonati¹, Marcos V..N. Dos Santos², Ana Y. N. Pinto², Vanja S. Calvosa², Ana M.. Ventura², Paulo H.M. Figueiredo², Janaina M. Bezerra², Carolina H. M. Azevedo², Mileide P. Brito², Rinauro S. Santos Jr., José M. De Souza². 1- Universidade Do Estado Do Pará. 2- Instituto Evandro Chagas, Belém – Pará.

Introdução e Objetivos: O fenômeno das invasões de áreas periurbanas de grandes capitais no Brasil tem contribuído de forma decisiva para a urbanização da malária, em particular na Amazônia, que apresenta fatores abióticos favoráveis para o desenvolvimento do vetor e manutenção da doença. Belém, como as outras capitais da Amazônia, vem apresentando o fenômeno de urbanização da malária. Portanto, tem-se como objetivo, não só avaliar a autoctonia da malária na Grande Belém fazendo uma avaliação dos últimos 6 anos correlacionando-a com o tempo, mas também fazer uma análise do seu comportamento atual.

Material e Métodos: Foram analisados os casos de malária atendidos no Instituto Evandro Chagas (IEC) no período de 1994 a 1999. Os casos foram avaliados em relação a prevalência de malária autóctone, sendo feita uma avaliação do panorama atual (ano 1999) em relação ao sexo e tipo de malária. Calculou-se a média, desvio padrão e número índice, fazendo-se também uma correlação com o tempo através do coeficiente de correlação linear de Pearson., sendo considerado significativo o valor de $p < 0,05$.

Resultados: O gráfico abaixo apresenta o número de casos de malária autóctone em relação ao número total de casos referentes aos anos de 1994 a 1999. Obteve-se uma média de $31,33 \pm 7,9$ % casos ao ano. No cálculo do número índice, as maiores diferenças foram observadas com o ano de 1998, quando houve um acréscimo de 62%, e com o ano de 1999, quando houve redução de 15%. No cálculo da correlação obteve-se um $r = 0,2566$ e $p = 0,62$, portanto não significativo, não havendo correlação com o tempo. Em 1999, foram atendidos 2010 pacientes com malária no IEC, 1342 H, 1192 com malária *vivax*, 128 com malária *falciparum* e 21 com malária mista. Das 668 M, 615 apresentaram malária *vivax*, 43 malária *falciparum* e 10, malária mista. Dos 2010 casos, 477 eram autóctones (23,73%).

Conclusão: Os autores concluem que a malária autóctone em Belém não apresenta correlação com o tempo, havendo baixa variação, tendendo ao comportamento endêmico. Ocorre também um predomínio acentuado da malária *vivax* em relação à malária *falciparum*, acometendo principalmente o sexo masculino.



Prevalência da malária autóctone na Grande Belém no período de 1994 a 1999. IEC, Belém-PA, 2000.